



CONTANDO HISTÓRIAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS: AS REPRESENTAÇÕES NEGATIVAS DA COMUNIDADE DO TURURU (PAULISTA/PE) NOS JORNAIS PERNAMBUCANOS E O CONTRAPONTO POR PARTE DOS HABITANTES (1979-1990)

Gilmara Silva dos Santos

RESUMO

A comunidade do Tururu localizada no bairro do Janga se deu através da doações de um loteamento que pertencia a Igreja Católica, em 1983, feita por Acebispo da época Dom Helder Camara, Arcebispo de Olinda e Recife, para famílias menos favorecidas que residiam nos Sítios do Amparo, Coqueiral e Nossa senhora do Ó, na cidade de Paulista/PE. Destarte, estes moradores passaram a contar com obras de Infraestrutura financiadas pela Cohab- Companhia de Habitações de Pernambuco. No entanto, quando analisados jornais daquele período notamos inúmeros comentários negativos para com os habitantes, relacionando o local à miséria, violência, sujeira e doenças. Este posicionamento da mídia apresentam as representações sociais negativas por parte dos meios de comunicação para com as comunidades periféricas, algo que contribui para o estereótipo negativo dos residentes desses locais. Por outro lado, ao dialogar com os moradores, podemos compreender as resistências desses indivíduos para romper com esta visão preconceituosa que os jornais na época atribuíam ao lugar. Assim, este projeto pretende apresentar o contraponto entre o que era exposto nas mídias para com as histórias de vida dos residentes do Tururu, no recorte de 1979 a 1990. A nossa metodologia reside no cruzamento de fontes, envolvendo matérias do Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio, Jornal da Manhã, para com fotografias, documentos privados e relatos orais dos moradores. Teremos como fundamentação teórica Michel de Certeau, Tânia de Lucca, Roger Chartier, Sidney Chalhoub, bem como o trabalho de Georgina Aurélia Maranhão, ex aluna do PPGH-UNICAP, a respeito do Coque.

Palavras-chave: comunidade do Tururu. Representações sociais. Visão preconceituosa.

1. INTRODUÇÃO

A comunidade do Tururu esta localizada na Cidade de Paulista, região Metropolitana do Recife/PE. Atualmente, a população de Paulista é cerca de 334.376, divididas nas seguintes regiões: próximo à orla, centro-Sítio Histórico e Zona Rural. O Histórico territorial do município tem como base o século XX, sendo criada em 1928 pela Lei Estadual nº 1.931/28, que posteriormente foi extinta e anexou o município à Olinda/PE. Foi somente em 1935 lei nº 11/1935, que Paulista voltou à ser um Município independente, estando assim desde aquela data.

A cidade de Paulista possuiu a Companhia de Tecidos de Paulista (CTP), que pertencia aos Lundgren, tendo gerado desenvolvimento na cidade através das habitações construídas para abrigar os trabalhadores. Foi assim que os Bairros Villa Torres Galvão e Aurora se desenvolveram. Muitos destes trabalhadores residiam também nas proximidades do Bairro de Nossa Senhora do Ó, dando origem à comunidade do Tururu.

Nos aspectos históricos, a “Vila do Tururu” é ocupada desde 1974 pelos seus habitantes, que eram compostos por pescadores, artistas, trabalhadores fabris e profissionais liberais. É um bairro Heterogêneo, que também abrigava trabalhadores que se dedicavam à agricultura e venda de alimentos. Este cenário se alterou drasticamente após um incêndio no local, no ano de 1979. O incêndio não só danificou muitas casas, mas também exacerbou a vulnerabilidade de inúmeras famílias. Embora tenha recebido pouca atenção governamental, o desastre capturou o interesse da Igreja Católica, liderada na época pelo Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara que deixou inúmeros residentes desabrigados. Vejamos uma matéria no Diário de Pernambuco que serve como fonte para relatar este acontecimento

O incêndio que invadiu a Vila do Tururu começou Às 22 horas da última sexta-feira e prolongou-se pela madrugada do sábado. Mas só ontem, passados três dias, é que as vítimas do ocorrido começam a avaliar a situação de extrema pobreza em que ficaram depois que o fogo destruiu totalmente ou parcialmente suas casas. Das 50 famílias que há três anos invadiram uma faixa de terreno no Janga, hoje, chamada de Vila Tururu, situada na estrada de enseadinha, em paulista, 10 tiveram prejuízos e só não estão dormindo na rua porque a vizinhança segue à risca o ditado " onde comem dois, comem três". (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Local- Caderno A-7, Recife, 04/09/1979)

Este terreno que os moradores ocuparam pertenciam à arquidiocese de Olinda e Recife, da Igreja, embora estivesse localizado em Paulista. Assim, O arcebispo Dom Helder procurou, após o incêndio, legalizar àquele loteamento para abrigar estes moradores desabrigados e em situação de miséria. Foi então que começou, na mídia, uma campanha de difamação ao local visando atribuir inúmeras características negativas aos moradores do Tururu.

Agora, estes habitantes além de lutar para conquistar um espaço territorial, tinha também que se defender da campanha negativa feita pelos jornais. Encontramos, por exemplo, uma matéria do Diário de Pernambuco cujo título é denominado de “Igreja Orienta Invasor”:
Membros da comissão de justiça e paz da arquidiocese de Olinda e Recife,

juntamente com funcionários da Cohab, reuniram-se ontem à noite com famílias que invadiram as casas do recém construído Parque Residencial Maranguape II, em Paulista, a fim de explicar como será feita a legalização da posse das terras do Tururu. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, a-12, Recife 20/09/1981)

É importante ressaltar assim o comprometimento e visão social de grupos progressistas da Igreja Católica ao apoio às famílias, pois, mostravam a sua oposição ao modelo urbano de cidade da Ditadura Militar, em privilegiar a especulação imobiliária e excluir as camadas populares dos planejamentos urbanos das cidades- vide a reforma da Cidade do Recife, na década de 70, na gestão do prefeito Augusto Lucena (BERNARDES, 1996). O espaço foi cedido somente em 1982:

O arcebispo de Olinda e Recife, dom Helder Câmara, enviou no início da semana um documento a todos os moradores do Tururu, anunciando que a Arquidiocese pretende doar às famílias pobres residentes nos sítios do Coqueiral, Amparo e Nossa senhora do ó, em Paulista, o terreno situado no Janga, onde encontram-se atualmente radicados na condição de posseiros[...]. Por outro lado, esclareceu que a Arquidiocese não se opõe à realização de qualquer projeto de urbanização para o Tururu, desde que este seja amplamente discutido e aprovado pelos moradores de baixa renda ali residentes ou que venham a residir. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, A-7, Recife, 15/07/1982)

Após a aquisição dessas terras e, ao mesmo tempo, com o começo de Obras de infraestrutura iniciadas pela Cohab- Companhia de Habitações de Pernambuco, o Tururu ainda estava nas manchetes de Jornais, sempre com uma visão preconceituosa e relacionado à pobreza, miséria, doenças e violência. Uma das importâncias de se compreender os estudos históricos é para estar atento ao que podemos compreender como Relações de poder, as quais são percebidas através de ações das elites, que visam manter o seu poder econômico, social e cultural em detrimento das populações mais pobres.

- A Comunidade do Tururu: Aspectos Gerais

Antes de adentrar na comunidade do Tururu propriamente dita, iremos citar alguns aspectos gerais a respeito da cidade na qual ele se localiza: Paulista/PE. Fundada no período colonial, a História dessa cidade tem relação com o Engenho Paratibe, que deu origem a ocupação inicial da cidade. No século XVII, o engenho passou a se chamar Paulista, dando origem então ao local.

Paulista passou a ser considerada cidade somente no século XX, sendo estabelecida as o seus limites territoriais com os seguintes municípios: Recife, Olinda, Abreu e Lima e Paudalho.

No começo do século XX, com a crescente industrialização vivenciada no país, Paulista foi um dos municípios que também controu este advendo, sendo inclusive chamada por Sérgio Leite Lopes de “cidade das chaminés”. Isto se deve à presença da Companhia de Tecidos de Paulista, adquirida por Herman Theodor Lundgren(1845-1907), um imigrante Sueco que atuou no ramo empresarial da cidade desde o século XIX.

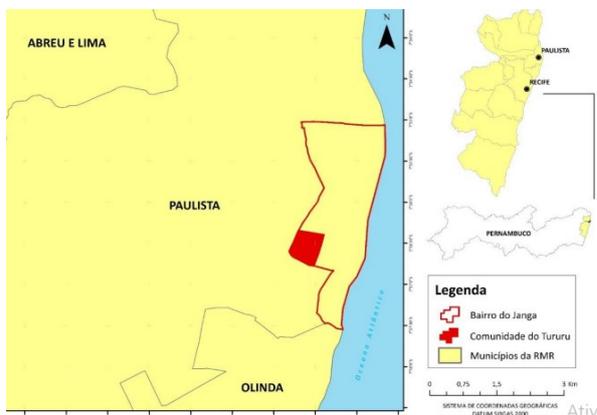
Devido a problemas financeiros, essa indústria de fiação e tecelagem passa, a partir de 1904, a ser controlada por Herman Lundgren e sua família. Os Lundgren eram de origem sueca, e já exerciam atividades comerciais de importação, exportação e fabris, no ramo da pólvora, em Pernambuco. Durante o século XX, a Companhia de Tecidos Paulista possui duas plantas fabris de fiação e tecelagem, estamperia e trabalhos conexos, contando, inclusive, com ligação direta da fábrica com a rede varejista “Lojas Paulista” e, depois, “Casas Pernambucanas”. (CAVALCANTE, 2017, p.14).

Pode-se dizer que esta fábrica foi importantíssima para a urbanização da cidade, onde inúmeros trabalhadores do Estado foram trabalhar nesta Companhia de Tecidos. Isto possibilitou o surgimento das chamadas Vilas Operárias ao redor das fábricas, que contribuía cada vez mais para o seu crescimento.

Companhia de tecidos Paulista abrigou um número considerável de operários e trabalhadores empregados em atividades extra fabris. Em 1939, a empresa admite empregar 8.400 operários, além dos que se dedicavam a outros tipos de serviços auxiliares ao funcionamento das fábricas e vilas operárias[...]Por volta dos anos 1950, as vilas construídas em torno da fábrica Velha, posteriormente chamada de Arthur, e da fábrica Aurora, teriam aproximadamente 6.000 casas em Paulista. A empresa detinha, então, o controle territorial quase completo, principalmente no que se refere à parte central da cidade. A própria mudança para o status de município entremeia-se com os interesses da Companhia e ganha força em sua influência políticoeconômica.(CAVALCANTE, 2017, p. 15)

Muitos desses trabalhadores, com o crescimento da cidade, passariam à ocupar locais além das vilas Fabris, sendo um deles, passando a compor a comunidade do Tururu, por volta dos anos de 1970. O local está situado no Bairro atual do Janga, próximo à Orla.

Figura 1- Mapa do Tururu, em alusão ao Bairro do Janga e à cidade de Paulista/PE



Fonte: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/40446/1/2020_ElvisEliasSampaioPinheiro.pdf. Acesso: 03/01/2023

Além desses trabalhadores, os pescadores foram a maioria dos habitantes deste espaço, pois o local anteriormente era destinado ao Plantiu de cocos, mas devido à sua proximidade ao Mangue e ao Mar, atraiu pescadores de carangueijo, Marisco/Sururu e Peixes. Apesar dos moradores do Tururu ocuparem o local, o espaço pertencia à Arquidiocese de Olinda e Recife, que até então, não tinha se oposto à habitação desses moradores.. As casas, como podemos observar na imagem abaixo, são feitas com o telhado de palha.

Figura 2- Moradores do



Fonte: Acervo privado de Edson Nunes.

O local não tinha boa infra-estrutura, ne, dispunha de encanamento, postos de saúde e construções seguras. Este, inclusive, pode ter sido um fator que acabou contribuindo para um fato determinante daqueles moradores, que foi o incêndio que à comunidade do Tururu enfrentou em 1979, deixando inúmeras famílias desabrigadas.

O Incêndio na Comunidade do Tururu

Este incêndio na verdade acabou sendo um divisor de águas, porque foi após este fato que a comunidade passou a ser cada vez mais observada: após ele. A arquidiocese de Olinda e Recife resolveu, oficialmente, ceder o lugar para os moradores, através de doação de terra.

Com isso, houve investimentos por parte do Estado, na gestão de Marco Maciel, através da COHAB, para poder construir casas e modernizar ao local. Este episódio levou também ao crescimento populacional do local, deixando o público mais heterogêneo, sendo o público mais heterogêneo, composto por motoristas de caminhão, pedreiro, ajudante de pedreiro e servicentes.

Por outro lado, a questão das terras desagradou inúmeros empresários, que pleiteavam o local, de modo que tinham o intuito de através da especulação imobiliária, bem como o projeto de higienização, excluir os habitantes do tururu deste processo. Iniciou-se então uma guerra, que contou com apoio da mídia contra os moradores do local, em prol da especulação imobiliária. Desse modo, iremos descrever todos estes episódios neste capítulo, mostrando como se deu este processo.

Ocorrido no dia 3 de Setembro de 1979, um incêndio teve início à noite e deixou mais de 50 famílias desabrigadas. Tal fato foi noticiado pelo Diário de Pernambuco, retratando a situação na época dos moradores.

Figura 3- Matéria do Incêndio do Tururu

Incêndio deixa famílias do Janga na miséria



Fonte: Diário de Pernambuco, Recife, 01 de Setembro de 1978, A-1

A situação que já era precária na comunidade, devido a seus problemas sociais e abandono do Estado, acabou por se agravar cada vez mais após este episódio, deixando estes moradores em

vulnerabilidade social. Inclusive, esta é uma das percepções que os moradores do Tururu tiveram quando ocorreu este incêndio, como se pode vê na entrevista de um morador ao DP: “já nos disseram para falar com o prefeito de Paulista, para ver se ele dá uma ajuda para a gente reconstruir as casas, mas se ele até agora não veio aqui, acho difícil nos ajudar”. Raciocina José Francisco dos Santos” (IDEM).

Como a região era divisa com a Companhia de Tecidos de Paulista, havia medo por parte dos moradores de serem presos ao buscar madeira para reconstrução das casas: “com tanta madeira por perto, e eles não se animam a tirar para refazer os barracos. " pois, se a gente meter a mão na mata da Cia Paulista, o dr. nos prende”, diz Irandi Celestina. A gente luta para conseguir um lugar para morar e quando consegue, ele pega fogo”. (IDEM).

A situação após o incêndio foi desesperadora, onde este relato nos mostra momentos de terror e, ao mesmo tempo, relevam o prejuízo que ele trouxe para as famílias:

foi uma loucura, conta ainda nervosa pela situação em que ficou com seus dois filhos. " A gente ou bem corria para acordar as crianças e para avisar os vizinhos ou pensava em salvar alguns móveis. Eu tava de camisona e so me restou isso. Meu marido calunga de caminhão , recebe Cr\$ 300,00 por semana e até o dinheiro que ele tinha ganhou foi queimado. Passei mais de 15 dias aarrando uma barriga para comprar uma mesa onde comer e o fogo comeu tudo”

Não se sabe ao certo a origem do incêndio, mas, houve na época a suspeita de que ele poderia ser sido fruto da ação criminosa de pessoas que eram contra a presença daqueles moradores. Porém a matéria do DP leva em consideração o interesse da especulação imobiliária, deixando claro que o local possuía o seu valor para aos empresários

o fogo foi forte e brabo, so nao se sabe de onde veio. Depois de tudo passado, alguns falam que viram "dois negros fortes" correrem para dentro da mata de Paulista, que passa atrás da Vila Tururu. Quem teria interesse em destruir aqueles casebres? Como não sabem a quem pertence o terreno rodeado de casas e apartamentos no melhor estilo arquitetônico, vão fazendo seus barracos e consolidando a invasão. É certo que, dali despejados, as terras passariam a ter um valor para o mercado imobiliário. (DP).

Após este incêndio, os moradores contaram com a solidariedade de parentes e vizinhos que residiam no local e não tiveram suas casas acometidas pelo fogo. Porém, isto não era o bastante, era preciso que houvesse uma intervenção das autoridades para evitar novos acontecimentos do tipo e agora prestar assistência à essas famílias desamparadas.

O Tururu: a Especulação Imobiliária e as matérias negativas sobre à Comunidade.

Uma das importâncias de se compreender os estudos históricos é para estar atento ao que podemos compreender como Relações de poder, as quais são percebidas através de ações das elites, que visam manter o seu poder econômico, social e cultural em detrimento das populações mais pobres. Esta é uma das situações que pude analisar e compreender neste trabalho a respeito da Comunidade do Tururu, levadas a cabo pela Mídia.

A mídia era a grande informante dos acontecimentos em Pernambuco, como se pode observar acima a respeito do Incêndio e dos ricos detalhes sobre ele. Porém, ao mesmo tempo, a mídia pode ser utilizada pelos detentores de poder para emitir uma opinião e incentivar a população a comprar um discurso como verdade, de modo a validá-lo. Roger Chartier chama este aspecto de Representação, onde utilizaremos este termo de agora em diante para se referir à forma que a mídia representava àquele grupo.

Os agenciamentos discursivos e as categorias que os fundam — como os sistemas de classificação, os critérios de recorte, os modos de representações — não se reduzem absolutamente às idéias que enunciam ou aos temas que contêm. Possuem sua lógica própria — e uma lógica que pode muito bem ser contraditória, em seus efeitos, coma letra da mensagem. (CHARTIER, 1991, p.187)

Ou seja, a mídia age neste intuito, não tendo uma neutralidade, mas sim um lado certo para convencer os telespectadores a respeito de sua ideia. Por exemplo, o Diário de Pernambuco possuía um aspecto bastante conservador, sobretudo durante o Regime Civil Militar, de modo formar opiniões favoráveis a grupos elitistas. Era comum, inclusive, perceber diversas matérias contra as classes sociais menos favorecidas, atacando os moradores com inúmeros termos pejorativos.

O interesse era obvio: desconstruir a visão positiva desses locais e moradores, visando sempre atacar a imagem e reputação desses grupos, relacionando-os com inúmeras precariedades e problemas, ligado a violência e qualquer que fossem as situações. Isto era feito de maneira discursiva, através de matérias e jornais, de modo que ficasse cada vez mais o scrit de quem lesse as matérias.

A tarefa parece menos simples desde a partir do momento em que cada série de discursos seja compreendida em sua especificidade, ou seja inscrita em seus lugares (e meios) de produção e suas condições de possibilidade, relacionada aos princípios de regularidade que a ordenam e controlam, e interrogada em seus modos de reconhecimento e de veridicidade(CHARTIER, 1991, p.192).

Com isso, fica fácil emitir a opinião que se deseja, pois somente relaciona o local com a imagem que se quer passar, sem dar voz aos moradores e fazer o contraponto. A Comunidade do Tururu era vítima constantemente desses episódios, de modo que os moradores após o incêndio eram pejorativamente chamados de “invasores”, como forma de dizer que estavam em um local que não lhes pertencia, devendo serem expulsos para o “progresso” chegar. É o que se vê nesta matéria:

Figura 4- Moradores do Tururu são chamados de Invasores



Fonte: Recife, Diário de Pernambuco, 4 de Dezembro de 1979, A-7

A matéria mostra seu intuito, sendo, inclusive, perceptível toda a técnica para prejudicar a imagem do local e dos habitantes. É exibido um título, chamando os moradores de Invasores; no texto, são feitas inúmeras menções ao nome do Tururu, pejorativamente. Abaixo, é exposta uma imagem de Mocambos e relacionando esta habitação com os moradores e com confusão.

Ao citar Mocambos, é importante fazer uma volta a um passado anterior à 1979: o do Estado Novo, onde iniciou a campanha contra os Mocambos. Justamente por isto, o jornal, ao citar a presença de Mocambos no Tururu, apela para a Memória dos leitores de como este tipo de habitação foi tratado durante à Gestão de Agamenon Magalhães: insalubre, sujo, cheio de doenças.

Logo, mostrar o mocambo, que já tem a sua representação negativa e associá-lo ao Tururu, é uma forma de depreciar cada vez mais o local. Zélia Gominho retrata bem este tipo de perseguição que os Mocambos sofreram em Pernambuco, como fruto de uma Elite que desejava remodelar os espaços urbanos contra as camadas populares

A busca da solução da questão social em Pernambuco se fazia representar pela Cruzada contra o Mocambo. Fundada em 12 de Julho de 1939, no Palácio do Governo, com a presença de representantes da camada da fortuna do Recife, a liga social contra o Mocambo congregava a Prefeitura, governo do Estado, engenheiros, empresários do comércio, indústria e da agricultura, proletários, universitários, imprensa e classe artística, cada grupo com sua função, compondo diversas comissões, num objetivo elevado: “promover a extinção desse tipo de moradia. (GOMINHO, 2007, p.97)

Na época, para atingir essa finalidade, a Liga dos Mocambos contava com apoio da imprensa e de diversas matérias que falavam dos problemas dessa habitação, a fim de buscar apoio popular para esta causa: “combater o mocambo- e nao é so combatê-lo, como sunstituí-lo por casas modestas, porém confortáveis, é obraa que se entrega neste momento o governo de Pernambuco”; (CORREIO DA MANHA, Rio de Jneiro, 22/07/1939 *Apud* GOMINHO, 2007, p. 98).

A matéria do Diário de Pernambuco, lançada apenas 3 meses depois do incêndio, tinha claro intuito: citar os Mocambos e demonstrar que os moradores do Tururu eram invasores, devendo sair daquele habitat para dar espaço à construção imobiliária, reforçando este projeto de poder das elites sobre os mais fracos.

Um discurso em prol da civilização, amídiã tentava reforçar na população a ideia de que a especulação imobiliária seria benéfica e que, os moradores daquele local, estavam impedindo o crescimento da cidade. São as mesmas táticas que foram adotadas contra os Mocambos no Estado Novo, que se fazem presente novamente na História:

agora é rara a semana em que nao ocorre uma invasão ou, por outro lado, um despejo de invasores de terra na região metropolitana. Tao é o caso da localidade conhecida por Tururu(município de Paulista), no Janga, onde as disputas de terra coexistem com uma mata e uma expansão imobiliária de Olinda. O tururu faz parte de um enorme loteamento à esquerda de quem atravessa a ponte do janga, originalmente, de propriedade da Arquidiocese de Olinda e Recife. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 04 de Dezembro de 1979, A-7).

Apesar da matéria reconhecer que o terreno pertence a Igreja, considera a presença desses moradores um empecilho, na imagem de que o local poderia ser melhor habitado. Naquele período, Olinda contava com um processo de verticalização na Orla de Casa Caiada, expandindo seus prédios. Era, portanto, interesse da indústria imobiliária fazer o mesmo com

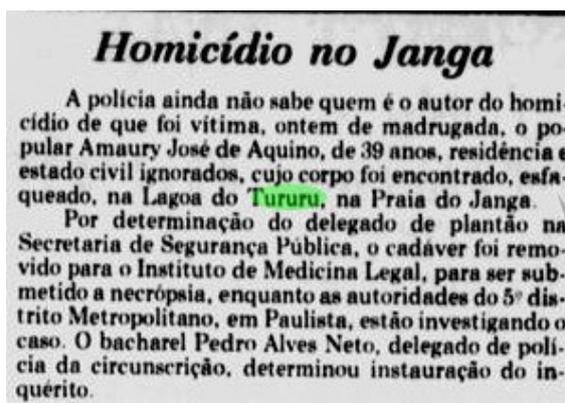
Paulista, sendo as terras do Tururu um local interessante para isso. Dai o motivo da mídia pressionar tanto por isso, pelo alinhamento que tinha com essa política.

O tururu também tem um mito. Joao Doido, um ladrão que vive na mata e que a polícia não consegue prender. O cotidiano daquela gente é marcado pela violência, pelo conflito de posse, sejam de terra ou outros bens. Ontem, por volta das 4 horas da tarde, uma "veraneio" estacionou junto aos casebres. Parecia outra demolição de Mocambos, mas era uma operação policial de rotina. Quatro homens armados com metralhadora, rifle e revólveres tomaram de assalto um dos casebres, empurrando à frente, algemado um ex morador do local, de nome dinho. Procurava, o irmão dele.(IDEM)

Ao citar esta operação policial e a ideia de “ Joao Doido”, bem como relacioná-lo a figura de Mito no Tururu, é uma forma pejorativa de exemplificar o perigo e a violência daquela comunidade, como algo que deveria ser resolvido, sendo a retirada desses habitantes a melhor maneira.

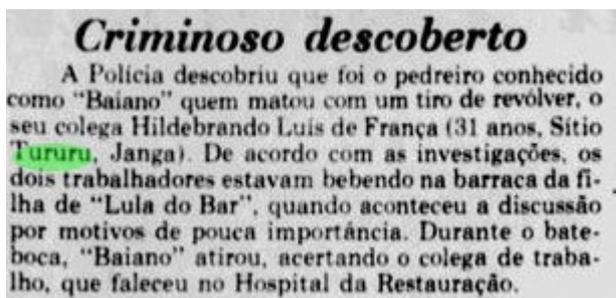
Tratados dessa forma, os moradores tinham que conviver com conteúdos desse tipo nos jornais, algo que acabava por prejudicar a imagem de todos que ali residiam e tinham anseio por uma vida melhor, como todo ser humano. Porém, no que dependesse da Mídia, as matérias seriam ligar o local a violência, notando um número alto de matérias enaltecendo esta situação. Abaixo, mostraremos algumas matérias que procuram ou relacionar o local com a violência, ou focar em seus moradores:

Figura 5- Homicídio no Tururu



DP, Recife, 12 de Abril de 1981 A-31

Figura 6- Criminoso pego no Tururu



DP, RECIFE, 13 DE Abril de 1981, A-12

Assim como os Mocambos eram relacionados a locais violentos e de baixa higiene, o Tururu também aparecia neste foco, ganhando destaque em uma matéria mostrando a comunidade como sinônimo de miserabilidade. Essa matéria de 1982 veio logo no momento em que estava havendo a regulamentação da posse de terra para os moradores, quando, mesmo assim, se via tentativas do Jornal de permanecer nos ataques ao local, fazendo matérias feito as de abaixo

Figura 7- Tururu sendo relacionado à miséria e péssimas condições de vida



DP. Recife, 29 de Julho de 1982, A-7

A foto, o título, a imagem como um todo, sobretudo pelo ângulo que mostra casebres a beira do Rio e plantações mal feitas, possuem o intuito de passar a mensagem que o grupo anseia a respeito do local, escrito da seguinte maneira:

A poucos metros da praia do Janga, em local de alta especulação imobiliária, cerca de 600 famílias residentes na favela do tururu enfrentam uma vida marcada pela miserável situação econômica e ausência total de infraestrutura urbana. As casas construídas com palhas de coqueiros, não tem iluminação. As crianças são dizimadas por febres e doenças infecto-contagiosas, que se propagam através da água estagnada em todas as primitivas vias de acesso e que invadem as casas a cada chuva(IDEM)

É reforçado, logo de cara, o intuito de relacionar uma melhora com a possível especulação imobiliária, que deseja obter proveito do local.

Este estudo sobre a comunidade do Tururu e sua representação nas mídias sociais destacou não apenas a complexidade das relações sociais e econômicas na região de Paulista, PE, mas também a resiliência de uma comunidade em face das adversidades históricas e atuais. Através da análise detalhada do contexto histórico, das mudanças socioeconômicas, e da evolução da comunidade do Tururu, conseguimos desvendar as camadas de preconceito e marginalização impostas por representações midiáticas negativas. Ao mesmo tempo, a pesquisa iluminou as formas de resistência e de solidariedade comunitária que emergiram como resposta a essas adversidades.

REFERÊNCIAS

THOMPSON- COSTUMES EM COMUNS

CERTEAU- A INVENÇÃO DO COTIDIANO

CHARTIER- O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO, ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

ZÉLIA GOMINHO- VENEZA AMERICANA X MOCAMBÓPOLIS

SIDNEY CHALOUB- CIDADE FEBRIL

GEORGINA AURELIANO- PRODUTO DE MESTRADO SOBRE O COQUE

REFERÊNCIAS SOBRE PAULISTA:

A SEDUÇÃO DAS CIDADES- ROSILENE ALVIM

A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés- Sérgio Leite Lopes